



**University of  
Zurich**<sup>UZH</sup>

**Zurich Open Repository and  
Archive**

University of Zurich  
University Library  
Strickhofstrasse 39  
CH-8057 Zurich  
[www.zora.uzh.ch](http://www.zora.uzh.ch)

---

Year: 2015

---

## **Me engana que eu gosto – as falsas promessas da Rio 2016**

Gaffney, Christopher

Posted at the Zurich Open Repository and Archive, University of Zurich

ZORA URL: <https://doi.org/10.5167/uzh-115007>

Journal Article

Published Version

Originally published at:

Gaffney, Christopher (2015). Me engana que eu gosto – as falsas promessas da Rio 2016. *Jornal dos Economistas*, 313:6-7.

# JE

# Jornal dos Economistas

Nº 313 Agosto de 2015

Órgão Oficial do Corecon-RJ e Sindecon-RJ

## Rio2016

Na contagem regressiva para os Jogos Olímpicos de 2016, Juca Kfoury, Carlos Vainer, Christopher Gaffney, Alfredo Sirkis, Joaquim Monteiro e o Fórum Popular do Orçamento discutem os aspectos econômicos, legados e impactos sociais do evento.



### Encontro

**V Encontro de Economia  
da Região Sudeste discute  
crise econômica**



## Rio2016

Agosto marcou o início da contagem regressiva de um ano para o início dos Jogos Olímpicos de 2016. Esta edição dedica-se a discutir o megaevento sob o ponto de vista econômico.

Uma entrevista com o jornalista Juca Kfoury abre o bloco temático. Ele afirma que os Jogos podem repetir o sucesso da Copa para a imagem do Brasil no exterior, mas que pagaremos uma conta "salgada". Juca aponta a contradição de o país organizar uma Olimpíada sem uma ter política de esportes.

Carlos Vainer, do Ippur/UFRJ, aponta em artigo os beneficiados pelos Jogos: grandes proprietários de terra, capitais engajados na promoção imobiliária, interesses que controlam transportes e outros serviços públicos, bancos, grandes empreiteiras e grandes grupos de comunicação.

Christopher Gaffney, da Universidade de Zurique, ressalta em artigo que não há estudos que demonstrem que os megaeventos esportivos trazem benefícios econômicos para as cidades e países-sede. O autor também relativiza os ganhos de imagem e receita tributária, e afirma que os verdadeiros beneficiados são os ricos e os políticos.

Entrevista com Alfredo Sirkis enfoca o projeto de revitalização da Zona Portuária, que, apesar de ser anterior à escolha do Rio para sede das Olimpíadas, pode ser incluído no bojo do legado do evento. Principal idealizador da reforma, Sirkis historia a concepção do projeto, comenta a execução e diz que ainda é cedo para avaliar o sucesso da empreitada.

Joaquim Monteiro, presidente da Empresa Olímpica Municipal, responsável pela coordenação da execução dos projetos e atividades municipais relacionados aos Jogos, aponta em entrevista os legados do evento para o Rio.

O artigo do FPO apresenta dados orçamentários municipais e estaduais relacionados aos Jogos para embasar a tese de que as obras do evento servem a um projeto excludente e de concentração econômica, que beneficia as cinco grandes empreiteiras brasileiras.

Fora do bloco temático, uma matéria sintetiza o rico debate sobre as principais questões econômicas brasileiras, que aconteceu no V Encontro de Economia da Região Sudeste, realizado no Rio em 6 e 7 de agosto.

## Sumário

Entrevista: Juca Kfoury .....3  
**“A Olimpíada pode repetir a façanha da Copa do Mundo, porque somos um povo cativante e o Rio é lindo, mas a conta vem depois e será salgada.”**

Rio2016 .....4  
*Carlos Vainer*  
**Rio Cidade Olímpica: medalha de ouro em desperdício e desigualdade**

Rio2016 .....6  
*Christopher Gaffney*  
**Me engana que eu gosto – as falsas promessas da Rio 2016**

Entrevista: Alfredo Sirkis .....8  
**“A revitalização da Zona Portuária está a meio caminho e não dá para saber nesse momento se será um grande sucesso. O desafio é promover a moradia de classe média, atrair pessoas solteiras, jovens casais e estudantes para morar na região.”**

Entrevista: Joaquim Monteiro.....11  
**“Os benefícios dos projetos diretamente ligados aos Jogos Rio 2016 já existem.”**

Fórum Popular do Orçamento .....13  
**Rio 2016 e as empreiteiras que já venceram antes do jogo começar**

Debate aprofundado marca .....16  
**V Encontro de Economia da Região Sudeste**

**Editais de convocação para eleições**

**Carteiras profissionais**

O Corecon-RJ apóia e divulga o programa Faixa Livre, apresentado por Paulo Passarinho, de segunda à sexta-feira, das 9h às 10h30, na Rádio Livre, AM, do Rio, 1440 khz ou na internet: [www.programafaixalivre.org.br](http://www.programafaixalivre.org.br) ou [www.radiolivre.com.br](http://www.radiolivre.com.br)

**JE** Jornal dos  
**Economistas**

Órgão Oficial do CORECON - RJ  
 E SINDECON - RJ  
 Issn 1519-7387

**Conselho Editorial:** Carlos Henrique Tibiriçá Miranda, José Ricardo de Moraes Lopes, Sidney Pascountto da Rocha, Gilberto Caputo Santos, Marcelo Pereira Fernandes, Gisele Rodrigues, João Paulo de Almeida Magalhães, Sérgio Carvalho C. da Motta, Paulo Mibielli Gonzaga. **Jornalista Responsável:** Marcelo Cajueiro. **Edição:** Diagrama Comunicações Ltda-ME (CNPJ: 74.155.763/0001-48; tel.: 21 2232-3866). **Projeto Gráfico e diagramação:** Rossana Henriques ([rossana.henriques@gmail.com](mailto:rossana.henriques@gmail.com)). **Ilustração:** Alledio. **Revisão:** Bruna Gama. **Fotolito e Impressão:** Ediouro. **Tiragem:** 13.000 exemplares. **Periodicidade:** Mensal. **Correio eletrônico:** [imprensa@corecon-rj.org.br](mailto:imprensa@corecon-rj.org.br)

As matérias assinadas por colaboradores não refletem, necessariamente, a posição das entidades. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta edição, desde que citada a fonte.

**CORECON - CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA/RJ**

Av. Rio Branco, 109 – 19º andar – Rio de Janeiro – RJ – Centro – Cep 20040-906  
 Telefax: (21) 2103-0178 – Fax: (21) 2103-0106  
 Correio eletrônico: [corecon-rj@corecon-rj.org.br](mailto:corecon-rj@corecon-rj.org.br)  
 Internet: <http://www.corecon-rj.org.br>

**Presidente:** José Antonio Lutterbach Soares. **Vice-presidente:** Sidney Pascountto da Rocha. **Conselheiros Efetivos:** 1º TERÇO: (2014-2016) Arthur Câmara Cardozo, Gisele Mello Senra Rodrigues, João Paulo de Almeida Magalhães – 2º TERÇO: (2015-2017) Antônio dos Santos Magalhães, Gilberto Caputo Santos, Jorge de Oliveira Camargo – 3º TERÇO: (2013-2015) Carlos Henrique Tibiriçá Miranda, Sidney Pascountto Rocha, José Antonio Lutterbach Soares. **Conselheiros Suplentes:** 1º TERÇO: (2014-2016) Andréa Bastos da Silva Guimarães, Regina Lúcia Gadioli dos Santos, Marcelo Pereira Fernandes – 2º TERÇO: (2015-2017) André Luiz Rodrigues Osório, Flávia Vinhaes Santos, Miguel Antônio Pinho Bruno – 3º TERÇO: (2013-2015) Cesar Homero Fernandes Lopes, José Ricardo de Moraes Lopes, Sérgio Carvalho Cunha da Motta.

**SINDECON - SINDICATO DOS ECONOMISTAS DO ESTADO DO RJ**

Av. Treze de Maio, 23 – salas 1607 a 1609 – Rio de Janeiro – RJ – Cep 20031-000. Tel.: (21) 2262-2535 Telefax: (21) 2533-7891 e 2533-2192. Correio eletrônico: [sindecon@sindecon.org.br](mailto:sindecon@sindecon.org.br)

**Mandato – 2014/2017**

**Coordenação de Assuntos Institucionais:** Sidney Pascountto da Rocha (Coordenador Geral), Antonio Melki Júnior, Jose Ricardo de Moraes Lopes e Wellington Leonardo da Silva

**Coordenação de Relações Sindicais:** João Manoel Gonçalves Barbosa, Carlos Henrique Tibiriçá Miranda, César Homero Fernandes Lopes, Gilberto Caputo Santos.

**Coordenação de Divulgação Administração e Finanças:** Gilberto Alcântara da Cruz, José Antonio Lutterbach, José Jannotti Viegas e André Luiz Silva de Souza.

**Conselho Fiscal:** Regina Lúcia Gadioli dos Santos, Luciano Amaral Pereira e Jorge de Oliveira Camargo



# Me engana que eu gosto – as falsas promessas da Rio 2016

Christopher Gaffney\*

O prefeito de Boston anunciou recentemente que ele não apoiaria mais a candidatura da cidade para as Olimpíadas de 2024 porque ele não queria jogar a responsabilidade fiscal nos contribuintes. Sem essa garantia é impossível sediar os Jogos e o Comitê Olímpico Americano saiu da disputa. Além de evitar suicídio político, o prefeito declarou o que todo o mundo já sabe: os megaeventos esportivos não dão retorno econômico.

Não há estudos que demonstrem que os megaeventos esportivos trazem benefícios econômicos para as cidades e países-sede. As previsões de acúmulo econômico são sempre exageradas e os custos subestimados, principalmente porque as instituições que as produzem são pagas para serem otimistas. Os argumentos econômicos para sediar esses eventos são baseados em pressuposições falsas que são facilmente identificadas e derrubadas.

O primeiro é que o estímulo financeiro devido aos projetos de infraestrutura dará mais emprego e gerará infraestrutura que beneficiaria a cidade em longo prazo. Na verdade, os empregos gerados são de curto prazo e de baixa competência e renda; os cargos mais especializados utilizam mão de obra não local (e os salários são mandados para fora) e as empresas que se beneficiam dos contratos ou são nacionais ou internacionais, garantindo que o dinheiro entre em

circuitos maiores e não permaneça no local. É melhor pensar nos gastos públicos bilionários como um subsídio para as empreiteiras de construção civil, turismo, mídia e hoteleira. Para garantir a participação dessas empresas, o gover-

no abre mão de impostos, abrindo um terreno fértil para a extração de dinheiro. Embora haja empregos gerados no contexto local, não há evidência que esses empregos não seriam gerados sem os Jogos.

O segundo argumento é que o

evento circulará a imagem da cidade mundo afora, e através dessa exposição, empresas, turistas e multinacionais virão, inserindo mais dinheiro no contexto local. Tipicamente, as cidades-sede dos eventos perdem turistas em nú-



meros absolutos e vivenciam uma diminuição de atividade econômica no ano do evento. Os efeitos de causalidade que ligam o evento esportivo e o deslocamento de empresas para a cidade são impossíveis de mensurar. Por exemplo, o argumento para ter Cuiabá como cidade-sede da Copa foi que o nome da cidade seria espalhado pelo mundo afora e daí colocado no mapa. Na realidade, o que foi exposto foi a inabilidade de planejar o transporte público e completar obras dentro do orçamento e tempo – sinais claros para os empreiteiros evitarem Cuiabá.

O terceiro argumento é construído nas costas do segundo e insiste que a cidade enriqueceria através de um aumento em impostos recolhidos das novas empresas, turistas etc. Se esse aumento de fato acontecer, pode ser uma ideia interessante num país nórdico, onde a distribuição da riqueza do Estado é mais igualitária. Mas tratamos do caso do Rio de Janeiro, cidade rica com uma péssima

distribuição de renda. Mais renda não resolve os problemas do Rio. Os fanfarrões olímpicos nunca querem debater o destino futuro deste dinheiro.

Se podemos descartar o argumento econômico para sediar uma Copa ou uma Olimpíada, temos que pensar em outras razões para sua realização. Recentemente assisti um congresso de marketing esportivo em Hamburgo, Alemanha, uma cidade cuja elite está tomada pela febre olímpica, querendo candidatar-se para os Jogos de 2024. Lá, o discurso sobre os jogos é voltado para a “renovação portuária”, a promoção internacional da “cidade mais linda do mundo”, e “a chance única” que os jogos oferecem para unir a população. Eles dizem que “podem fazer melhor” do que Rio, Sochi ou Londres, sem dar a mínima evidência. Eles são espertos demais para usar o argumento econômico. Mesmo assim, a candidatura é promovida pela associação de comerciantes da cidade e fortalecida através de uma campanha emocional articulada pelas mais sofisticadas empresas de marketing. Depois de ouvir palestras dos economistas ali presentes neste congresso que não há chance de retorno econômico, um deles indagou: “porque os ricos não podem ter uma festa também?”

O argumento real é nítido: megaeventos esportivos servem para a

acumulação de capital para os mais ricos. É uma forma legitimadora para realizar a transferência de dinheiro público para mãos privadas. A Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos são *business models* extrativos, móveis e parasíticos que mobilizam paixões, emoções e mitos para a finalidade de acumulação de capital.

Os políticos acumulam capital político (tipo Lula associando-se com os líderes globais ou Eduardo Paes assumindo a chefatura do C-40 e depois se candidatando à Presidência da República), os empreiteiros enriquecerem através dos subsídios públicos (Carvalho Hosken e a Vila Olímpica ou Odebrecht e o Maracanã), os pobres perdem suas casas, a classe média perde capital através de especulação imobiliária e inflação, e quase todos os cidadãos perdem a normalidade de suas vidas durante os sete anos de preparação e veem suas ruas tomadas pela polícia e pelos turistas durante o mês do evento. O debate público é mantido refém do evento e o planejamento urbano é distorcido para atender a demandas inventadas. A cidade é colocada em xeque através dos choques de ordem, tropas de elite, e a ansiedade de performance em frente de uma audiência global.

E que resta para a cidade do Rio a um ano da Olimpíada? Temos novas linhas de transporte que encurtam o tempo entre algumas regiões da cidade e Barra da Tijuca. Mas essas são as linhas que a cidade precisava? Muito dinheiro foi liberado para construir infraestrutura para os Jogos e sem os eventos é provável que o Rio de Janeiro não tivesse o mesmo fluxo de caixa. Mas o que foi feito com este dinheiro foi para atender as demandas do evento ou foi para re-

almente melhorar a mobilidade na cidade? As linhas do BRT já estão saturadas, o metrô é uma farsa, as barcas melhoraram muito pouco, o chamado VLT não alcança um décimo das linhas de bonde que o Rio tinha 75 anos atrás e o trem transporta 40% de sua capacidade da década de 1960.

A cada semana a prefeitura lança um novo programa de “Legado Olímpico” para vender o que já foi comprado pelo público. Ao longo do processo os projetos do Rio 2016 foram mudados, alterados ou descartados. O prometido Morar Carioca morreu uma vez que o prefeito ganhou seu capital político. A UPP Social nunca foi executada, ao mesmo tempo em que a polícia continua matando. O Porto Maravilha foi adicionado ao projeto olímpico depois da candidatura, e no lugar mais histórico do país estamos vendo a construção do Museu do Amanhã – uma negação do lugar e um novo ícone global do desperdício de dinheiro.

Desde que o nome do Rio de Janeiro foi tirado do envelope naquele dia em Copenhague, a cidade vive uma constante crise. A crise mais nítida não é econômica, mas sim democrática. A instalação de um regime de exceção presidido pelo prefeito e o governador se combinou a regimes de isenção para as empresas e regimes de decepção por parte da mídia tradicional. Sabemos que os argumentos que propõem os megaeventos como benéficos para a população são falidos. É em face deste fato que entendemos os megaeventos como mecanismos de acumulação de poder e capital em todas as suas formas.

\* É pesquisador sênior do Departamento de Geografia da Universidade de Zurique.